

Apresentação

Karina Giacomelli

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Brasil

Vera Lúcia Pires

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Brasil

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem (...). É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem

Afinal, por que Benveniste?

Duas respostas podem ser dadas a essa pergunta para justificar a publicação de uma revista dedicada a estudos baseados na obra do autor – a importância de Benveniste para a lingüística contemporânea e a escassez de pesquisas em torno de seus estudos, pelo menos no Brasil.

Frente ao estruturalismo generalizante da primeira metade do século 20, que excluía da lingüística a fala e, por conseqüência, questões problemáticas como o sentido, a referência e o sujeito, Benveniste, também estruturalista, mas e principalmente um saussuriano convicto, representa uma mudança, ao não se aliar à redução. Ao propor duas lingüísticas – modo semiótico e modo semântico – busca mesmo ultrapassar Saussure na consideração do sentido. Encontra o sujeito

da enunciação e, com ele, o espaço para uma nova lingüística, que permitiria tratar cientificamente da fala, da enunciação, do discurso.

Considerando, então, a amplitude de suas proposições, pouco foi pesquisado e muito há ainda a ser estudado. Benveniste nos legou uma obra que permite diversas pesquisas sobre o que já está escrito; e, muito mais sobre suas propostas, para todos os níveis de estudos da linguagem, não apenas em relação à enunciação.

Apesar do reconhecimento de pesquisadores importantes nos setores ligados aos estudos lingüísticos em algumas universidades brasileiras, não são muitas as publicações sobre o autor nos últimos anos. A exceção foi a revista *Letras de Hoje* v. 39, n. 4 (2004) que trouxe os textos apresentados no *I Colóquio de Estudos Émile Benveniste*, realizado na PUCRS em 2004.

É esse espaço que pretendemos ocupar, publicando alguns estudos concernentes às idéias de Benveniste, desenvolvidos por pesquisadores ligados a diversas universidades brasileiras.

A análise da noção de enunciação nos trabalhos de Benveniste e Ducrot é o propósito do texto de L. Barbisan, para quem a construção dos conceitos relativos ao campo enunciativo conduz à focalização de objetos de estudo distintos nas duas teorias. Para ela, ao modificar, ampliar e ressignificar os conceitos saussurianos, os autores chegaram a conceituações próprias da enunciação, em abordagens distintas do uso da linguagem.

B. Brait demonstra em seu trabalho como os conceitos de enunciação e intersubjetividade dão forma à teoria enunciativa benvenistiana. A partir disso, a autora aponta as conseqüências dessa teoria para o pensamento lingüístico contemporâneo.

A partir da distinção feita por Benveniste entre as condições de emprego das formas e condições de emprego da língua, L. F. Dias aborda a relação enunciação-gramática. Tomando a enunciação como condição básica para refletir

sobre a língua, o autor desenvolve outros aspectos da dimensão enunciativa, ampliando a abordagem benvenistiana.

A relação enunciação-semiótica é apresentada por J. L. Fiorin, que mostra como a semiótica francesa, a partir da teoria da enunciação, desenvolvida por Benveniste, integra-a na teoria geral da significação que tenta construir. O autor apresenta, em seu texto, as operações enunciativas de instauração de pessoa, de espaço e de tempo, bem como as de figurativização e de tematização.

Partindo dos pressupostos teóricos de Benveniste, V. Flores analisa relações enunciativas com o propósito de mostrar como a lingüística pode recorrer à patologia da linguagem para construir o objeto mesmo de uma lingüística fundada na singularidade do homem na língua.

O lugar ocupado por Benveniste no manual de introdução à lingüística é o tema do texto de K. Giacomelli. Inserido em uma abordagem que relaciona disciplinarização e manualização, o trabalho mostra como o autor é pouco referido na lingüística brasileira, apesar de sua importância para os estudos contemporâneos da linguagem.

V. L. Pires e K. G. Werner examinam a categoria da dêixis abordada por Benveniste como um fenômeno polissêmico, uma vez que seu sentido depende do emprego em um determinado contexto. Apontam que, em artigos diversos, o lingüista aprofunda sua consideração da dêixis como fundamento da representação da subjetividade na linguagem.

É nos textos de Benveniste que N. Tebaldi buscou reflexões sobre a língua para entendê-la nas situações de ensino-aprendizagem, destacando, no artigo, aspectos lingüísticos como natureza social da linguagem, modos de significar, função constitutiva da língua nos processos de (inter)subjetividade e enunciação.

Finalmente, destacamos o artigo de C. Normand, *Saussure-Benveniste*. Nesse belo texto, a autora, como o próprio nome já indica, relaciona os dois autores, apontando semelhanças e diferenças entre eles. Em um tom quase confessional,

convergências e divergências são apresentadas numa abordagem que difere do discurso da filiação ou da comparação, entre outros, já tão explorados. É na ordem da inteligência e do amor pela língua que Normand situa a relação, mostrando que, antes de mais nada, o que importa é o encontro dos dois, fundamental para todos que se interessam pelo estudo da linguagem. Esse texto, já publicado em *Cahiers Ferdinand de Saussure* (n. 57, 2004), foi-nos gentilmente cedido pela autora, a quem muito agradecemos.

Karina Giacomelli
Vera Lúcia Pires

Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer
ou impedir a atividade do espírito. O vôo do pensamento
liga-se muito mais estreitamente às capacidades
dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade
quanto à natureza particular da língua. A possibilidade do
pensamento liga-se à faculdade da linguagem, pois a língua é uma estrutura
informada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua.